

**Dinâmicas históricas e causalidades da diáspora senegalesa – 1970-2010:  
breves apontamentos**

**Dinámica histórica y causalidades de la diáspora senegalesa – 1970-2010:  
breves apuntes**

**Historical dynamics and causalities of the Senegalese diaspora – 1970-2010:  
brief notes**

*Emanuela Gamberoni<sup>1</sup>*

*João Carlos Tedesco<sup>2</sup>*

**Resumo:** O artigo analisa aspectos causais, numa dimensão mais estrutural, em termos econômicos, territoriais e ambientais, que produziram a intensa mobilidade de população do Senegal para outros países, dentre os quais, primeiramente, os de seu entorno, posteriormente, a Europa Ocidental e a América do Norte e, por último, novas trajetórias, adentrando para a América Latina, em particular, o Brasil; busca dar ênfase ao fato de que se produziu no interior do país uma representação positivada, da necessidade e da otimização da migração, principalmente, a internacional; conclui que a trajetória deste último ciclo migratório em direção à América Latina, é fruto dessa dinâmica de novos espaços, horizontes e sentidos dado ao ato de migrar.

**Palavras-chave:** Imigração. Causalidades. Senegaleses.

**Resumen:** El artículo analiza aspectos causales, en una dimensión más estructural, en términos económicos, territoriales y medioambientales, que produjeron la intensa movilidad de la población de Senegal hacia otros países, primero, los de su entorno, después, Europa Occidental y el América del Norte y, finalmente, hacia nuevos destinos, en América Latina, en particular, Brasil; busca enfatizar que en el interior del país se produjo una representación positiva de la necesidad de la migración, especialmente la internacional, y de su optimización; concluye que la trayectoria de este último ciclo migratorio hacia América Latina es el resultado de esta dinámica de nuevos espacios, horizontes y significados otorgados al acto de migrar.

**Palabras clave:** Inmigración. Causalidades. Senegaleses.

**Abstract:** The article analyzes causal aspects, in a more structural dimension, in economic, territorial and environmental terms, that produced the intense mobility of the population from Senegal to other countries, among which, at first, those of its surroundings, later, to Western Europe and to the North America and, finally, new trajectories, entering Latin America, in particular, Brazil. The article seeks to emphasize the fact that a positive representation of the need and optimization of migration, especially international migration, was produced in the interior of the country; concludes that the trajectory of this last migratory cycle towards Latin America is the result of this dynamic of new spaces, horizons and meanings given to the act of migrating.

**Key words:** Immigration. Causalities. Senegalese.

## Introdução

O Senegal talvez seja o país da África que, atualmente, em termos percentuais em relação à população total do país, é um dos que mais possui imigrantes, que não se configuram como refugiados ainda que, para muitos países, essa demanda tenha acontecido, como foi o caso do Brasil nas primeiras levas e de outros países da América Latina, entre 2010-2016. Segundo dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) (Apud, IDOS, 2021), há mais de 4 milhões de migrantes numa população total que gira em torno de 16 milhões. Há uma diáspora senegalesa espalhada pelo mundo. Falamos em diáspora<sup>3</sup> em razão não somente pelo seu dado quantitativo, mas, sim, pelas relacionalidades produzidas entre os territórios de saída e os de origem.

É um grupo étnico diverso (em termos territoriais e religiosos), mas que possui profundos vínculos com seu espaço de origem, mobiliza-se por várias partes do mundo, retorna e reemigra, “carrega o país junto por onde vai”, como um entrevistado nos disse. No país, desenvolve-se uma dinâmica de significados e representações positivadas do imigrante e da emigração; isso se reflete no interior das famílias, ou seja, valoriza-se a migração e o emigrante; nesse, é incorporado um capital social, econômico e cultural, pois envia remessas (econômicas e sociais) como dádiva e valor moral, busca expressar valores, significados, representações e crenças de seu país de origem, portanto, dinamiza com intensidade a performance de transmigrante (transnacionalizado) em múltiplas dimensões. A emigração no país passa a ser uma estratégia para fazer face às dificuldades socioeconômicas vividas pela população. Ela exerce um amplo processo de mudança em micro relações familiares, sociais, culturais, além de ser um grande recurso econômico, demográfico e religioso.

Os senegaleses possuem uma ampla experiência emigratória desde os anos recentes de sua independência, pós-início da década de 1960, principalmente para países de seu entorno como a Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Nigéria, Gana, Mali, Mauritânia, dentre outros; entre esses

países, as fronteiras demonstraram, por um longo tempo, serem relativamente abertas; soma-se o fato de que a população jovem é que emigra e, como demonstrado pela literatura que aborda a emigração do Senegal, não são os mais empobrecidos que o fazem (FALL, 2016), assim como o fato de que há no país uma tradição de migrações sazonais, principalmente para cidades de maior porte (TALLI, 2002). Por isso que a mobilidade geográfica, para os senegaleses, constitui-se como um *modo de vida*, faz parte de estratégias racionalizadas e decididas no interior da família e provocadas por situações precárias de vida no interior do país em âmbitos econômicos, territoriais e ambientais.

Tendo presente essa dinâmica histórica, buscamos aqui descrever e analisar alguns dos aspectos que produziram essa dinâmica de mobilidade territorial, pós-década de 1960, posterior à independência do país, mas, principalmente, anos de 1970, quando a Europa e os Estados Unidos passaram a ser vistos como possibilidade até o período em que a trajetória para o Brasil demonstrou seu dinamismo. Traremos presente somente alguns elementos do campo político, das transformações na agricultura, como pano de fundo, de causalidades mais *estruturantes* das migrações e, por fim, alguns dos elementos que nortearam a decisão das trajetórias mais recentes de senegaleses em direção à América Latina, em particular, ao Brasil.

Servimo-nos de revisão de literatura sobre o tema da diáspora senegalesa, dados estatísticos, bem como de algumas entrevistas que estamos realizando para um estudo maior sobre imigração e desenvolvimento, o papel das remessas e o transnacionalismo migrante e as suas repercussões nas transformações socioeconômicas em ambos os espaços de presença de imigrantes, mas, com maior expressão, nos cenários de origem dos fluxos.

### **Breves incursões históricas e políticas**

De uma forma sintética e genérica ao mesmo tempo, é possível a construção de uma periodização composta de seis etapas que configuraram transformações e provocaram mobilidades internas e externas de população no/do país<sup>4</sup>. A primeira é de longa data; está relacionada aos reinos que margeavam o rio Senegal e o Gâmbia quando a região passa a agregar importância geopolítica, no final do século XV, principalmente em razão do comércio atlântico e à instalação de zonas de influência de países europeus, que buscavam competir com o comércio transaariano. A segunda etapa, liga-se à expansão da ação francesa, na metade do século XIX, quando orientou sua política imperialista, buscando áreas de dominação na África a partir do rio Senegal, reconfigurando politicamente a região. No mesmo recorte, tem-se a imposição das formas de dominação europeia, que irão constituir a organização colonial francesa. A terceira periodização

está recortada entre as guerras mundiais de 1914 a 1945, quando as transformações sociais fizeram surgir os movimentos nacionalistas pela libertação, bem como a participação de africanos no conflito bélico nos países colonizadores, no caso, de senegaleses na França e em outros países da África. O quarto momento refere-se ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, o qual é centrado nas ações para a independência das colônias e a formação de novos Estados em várias regiões da África, dentre elas, o Senegal. Neste período, até início da década de 1970, tem-se as disputas das perspectivas orientadoras que colocaram em choque as lideranças políticas, bem como a perspectiva da França, preocupada com a manutenção de sua influência no período pós-colonial. A quinta envolve o Senegal independente e se constitui a partir do início da década de 1960. Esse marco político e geográfico produziu reconfigurações territoriais – rurais e urbanas – mobilidades de população no interior do país (MAZRUI; WONDJI, 2010; KI-ZERBO, 2010; TEDESCO; MELLO, 2015).

No imediato pós-independência, há grandes levadas de imigrantes para países vizinhos, em particular, dentre eles, como já mencionamos, a Mauritânia, o Mali e a Guiné-Bissau, dentre outros. Por fim, a sexta etapa caracteriza-se pela diáspora para vários países da Europa, muitos deles ainda na década de 1960 como foi o caso da França, porém, entre as décadas de 1980 até o final do século XX, a Europa Ocidental e os Estados Unidos incorporaram grandes contingentes de senegaleses. No século XXI novas trajetórias se fizeram presentes, dentre elas, para a América Latina, obedecendo uma lógica de uma migração Sul-Sul Global, entre países com níveis de desenvolvimento não muito diferenciados e, configurando-se como migrações laborais (TEDESCO; MELLO, 2015).

Como um processo histórico e econômico que permeia de forma horizontal esta periodização, não se pode esquecer a atuação da religião islâmica, que serviu como fator de resistência ideológica ao colonialismo, bem como um mecanismo de amenização das conjunturas adversas da população ao constituir um importante fator político durante todos os períodos estudados, sendo uma força ideológica de coesão e integração, bem como promotora da diáspora. Não dá para deixar de lado a correlação do fenômeno religioso com as (e)migrações, o papel das confrarias, a conquista de espaços no interior do país e a busca pela sua dispersão e influência também externa (EICKELMAN, 1990).

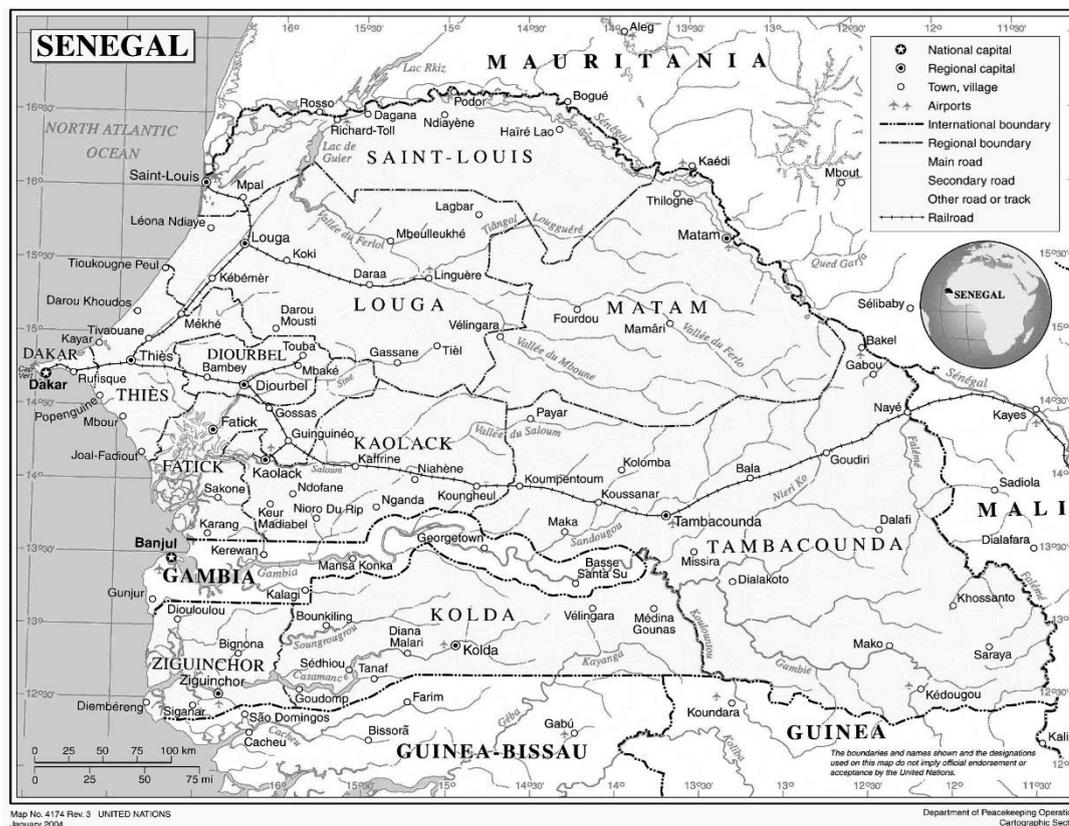
Pensar no Senegal atual é vislumbrar um país que possui os rios como principais referências fronteiriças. É um fator geográfico, mas que também, influenciou, e ainda continua, nos processos migratórios internos e externos. Ao Norte, tem-se o homônimo rio Senegal, que sempre serviu como uma fronteira natural com a macrorregião do Magrebe e faz a divisa com a atual Mauritânia (TEDESCO; MELLO, 2015; PALTRINIERI, 2006). A margem Sul do rio foi onde se

desenvolveu, por longos períodos históricos, um conjunto de reinos.<sup>5</sup> Apenas para citar alguns, na foz do rio, localizava-se o reino de Walo, que dominava o último trecho do rio em direção ao mar; subindo o rio, visualiza-se o reino conhecido como Futa Toro; seguindo-se mais a leste, chega-se ao reino Galam, que já ocupava a região do alto Senegal e fazia fronteira com o grande reino Tokolor, herdeiro do Império do Mali. Um outro conjunto de povos, estabelecidos sem a referência direta do rio Senegal, ocupava uma faixa que estava localizada ao sul dos reinos citados. No litoral, existia o reino de Cayor, que compreendia a região onde hoje está estabelecida a cidade de Dakar, a leste, existia o reino Jolof, esse liderava uma confederação que reunia todo o conjunto de reinos citados, principalmente pela sua posição de centralidade. Por último, o reino de Bondu, esse, por sua vez, ocupava uma região interiorana que se localizava a leste do reino Jolof e ao sul do reino de Galam (BOAHEN, 2010; DIOP, 2002).

A religião islâmica serviu como principal referência na organização do império árabe, a tal ponto que foi possível existirem polêmicas entre realidades sociais do Oriente Médio e normativas da fé muçulmana (DRAMANI-ISSIFOU, 2010, p. 118). Ao ligar os campos político e religioso, é preciso que se perceba essas duas organizações como influências na orientação das relações de mercado, bem como na mobilidade interna de população. Enquanto os reinos muçulmanos estavam voltados para o comércio transaariano, a relação comercial dos reinos litorâneos, não muçulmanos, era periférica ao centro principal que configurava a região interiorana do continente, tornando mais fácil a nova orientação comercial marítima e a migração de pessoas (DIOP, 2002). Contudo, essa relação modificaria as estruturas econômicas e políticas da região devido aos novos fluxos comerciais estabelecidos.

No período colonial, a emigração se deu como forma de resistência ao colonizador; no período pós-independência, ela esteve relacionada à crônica falta de oportunidades que o país apresentava. Os países vizinhos, ou próximos, em situações favoráveis, necessitando de mão de obra, passaram a ser, primeiramente, os destinos naturais para esse contingente da população desprovido de meios de produção e de renda (BOAHEN, 2010). O conjunto de trabalhadores ambientava os espaços em que as oportunidades estavam disponíveis, configurando um tipo de migração de característica sazonal. O principal fator, contudo, esteve ligado a uma conjuntura contemporânea (TEDESCO; MELLO, 2015; DIALLO; FERNANDES, 2011). Os efeitos das transformações climáticas afetaram economicamente, principalmente as regiões rurais, em processos de redução das áreas cultiváveis. A essa realidade associaram-se as secas progressivamente mais severas, as quais vêm aumentando consideravelmente com o passar dos anos (FALL; GAMBERONI, 2019). Esses fatores agravaram a pobreza, pois dificultaram o equilíbrio de uma economia doméstica já historicamente difícil de ser mantida.

Figura 1: Mapa do Senegal e suas regiões



Fonte: Organizações das Nações Unidas (ONU), Departamento de Operações de Paz (Department of Peacekeeping Operations), Seção de Cartografia. Mapa número 4174, janeiro/2004.

A partir da década de 1970, para sanar a crise econômica e social, provocada pelas secas e as consequências da colonização, além da abertura política, foram colocados em ação programas de estabilização financeira, orientados por órgãos financeiros internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. No entanto, devido à crise mundial (provocada pela crise do petróleo e as guerras nos países árabes) que seguiu no período, seus efeitos acabaram não sendo percebidos. No contexto mundial de recuperação da crise, com a estabilização do preço do petróleo, que influenciou na redução do preço de matérias-primas, ficaram afetados os produtos de exportação do Senegal, principalmente o amendoim e outras matérias-primas, deteriorando a relação cambial do país (KLEIDERMACHER, 2019).

A conjuntura de crise demandava um grande desafio do governo em articular sua permanência no poder, assim organizou-se para que Léopold Sédar Senghor, então presidente (de 1960-1980) garantisse um sucessor que fizesse a manutenção do poder para o seu partido. Desta forma, ele pediu demissão em 1980 e foi substituído pelo seu primeiro-ministro, Abdou Diouf, que liderara um processo de abertura em prol de um pluralismo político. Nesse sentido, a década de 1980 foi bastante desafiadora para a organização do país; no campo econômico, um conjunto de

secas sucessivas, com o conseqüente aumento do custo da produção agrícola, obrigando a importação de grande parte dos artigos de alimentação e desestabilizando ainda mais a balança comercial. Já no campo geopolítico, em 1981, o novo governo, que precisava operar mudanças no plano interno e externo para manter a legitimidade estatal, recebeu, concomitantemente, o início oficial do movimento de independência da região de Casamance<sup>6</sup>, sul do país, entre as fronteiras com a Guiné, ao sul, e com a Gâmbia, ao norte, cujo governo passa por um golpe de Estado, fato esse que provocou profundos conflitos internos, migrações e saídas de população para outros países, principalmente de sua parte Sul (UEBEL, 2019; FALL; GAMBERONI, 2019).

Optando pela ampliação do diálogo, Diouf operou um conjunto de medidas que possibilitaram a inserção de partidos políticos, de forma irrestrita. Também se abriram as pautas e reivindicações de partidos políticos com a reforma do sistema educativo e constituição de conselhos sindicais. Além de uma orientação tecnocrata governamental, o conjunto de medidas também foi positivo para o reforço da credibilidade do país perante as exigências da comunidade internacional (DIALLO; FERNANDES, 2011). As principais medidas estavam relacionadas a uma renovação do quadro do Partido Socialista, objetivando um planejamento econômico para tentar alavancar o desenvolvimento do país.

Contudo, mesmo com o conjunto de reformas relacionadas à reestruturação do Estado, a partir de uma configuração que respeitasse a pluralidade cultural das regiões em detrimento do partido estatal de Senghor, o governo de Diouf não conseguiu se desfazer das amarras do clientelismo do período colonial e do primeiro governo independente, principalmente associadas às lideranças muçulmanas no meio rural (DIALLO; FERNANDES, 2011; TEDESCO; MELLO, 2015). Esse processo demonstrou que o campo estatal não tinha força suficiente para tomar decisões de forma autônoma, os grupos muçulmanos acabaram servindo como o principal pilar para a legitimação governamental, devido a seu poder político a nível local e regional, principalmente o grupo da confraria Mouride, a maior do país e que se mantém até os dias atuais com intenso poder político.

As amarras clientelistas acabaram por entranharem-se no projeto político do governo de Senghor. A sua visão de construção e do fortalecimento do estado nacional senegalês perpassava a centralidade do Estado, que geraria uma identidade que pudesse ultrapassar as identidades regionais; aliada a essa perspectiva, havia o desejo de manter uma ligação com a França (HERRERA; QUINTANA; ALONSO, 2010). Na prática, esse processo acabou por reduzir os polos de desenvolvimento entre as regiões agrícolas do amendoim e a capital Dakar, marginalizando regiões periféricas que ficariam com a mesma função do período colonial - servir

de reservatório humano e material para o projeto do Estado, fator de profunda ligação com o movimento separatista de Casamance (DIALLO; FERNANDES, 2011).<sup>7</sup>

No campo econômico, a década de 1990 representou um aumento dos níveis de pobreza, tributário da desvalorização do Franco CFA, que sofreu uma queda de 50% em relação ao Franco francês, encarecendo as importações. Isso fez com que a emigração se intensificasse por duas razões: uma pela perda do poder de compra e outra pela possibilidade de ganhar em francos franceses que, em tempo curto, acabou valendo o dobro do que o CFA, e que permitiu um câmbio vantajoso aos imigrantes e a sua gente no Senegal através de remessas externas que o país passou a receber. Em outro viés, a produção agrícola padecia com a contínua degradação das áreas agricultáveis, principalmente pela falta de políticas agrícolas e pela salinização de solos de algumas regiões, principalmente as mais próximas da costa atlântica, pelo assoreamento dos rios e os conjuntos de secas (QUATRIDA, 2012).

Percebeu-se que, nas últimas décadas do século XX, a participação do setor primário na economia passa por uma redução considerável, de mais de 26% do PIB na década de 1970, para 16% no início do século XXI, redução que esteve correlacionada e afetou pelo menos 70% da mão de obra ativa do país (HERRERA; QUINTANA; ALONSO, 2010). Este contexto está na raiz de boa parte dos processos migratórios para a Europa e os Estados Unidos da década de 1990, bem como da migração interna para os centros urbanos, principalmente os em direção à capital, Dakar.

Os anos 2000 representaram uma ruptura da linha de governo no Senegal. Pela primeira vez foi eleito como presidente um representante da oposição, Abdoulaye Wade, que chegou ao poder numa década em que os problemas estruturais crônicos continuaram, aliados ao constante conflito do Movimento das Forças Democráticas de Casamance, que seguiam atuando na região da fronteira com a Guiné-Bissau e Gâmbia. Em 2004, a iniciativa da Associação Internacional do Desenvolvimento (AID) para a redução da dívida de países altamente endividados, o Senegal ganhou um abatimento de 50% de sua dívida externa (LACROIX; SALL; SALZBRUNN, 2008).

A transformação política da virada do milênio prometia um conjunto de mudanças na estrutura das ações estatais, porém, a organização do antigo partido de oposição estava profundamente assentada na figura de liderança de Abdoulaye Wade, que precisou fundamentar uma estrutura para a governabilidade que o aproximou de seus antecessores. Diop<sup>8</sup> diz que a trajetória política de Wade acabou por torná-lo o representante primordial do partido que liderava, o Partido Democrático Senegalês, e acabou por isolá-lo no poder, pois, emanou o patrimonialismo que exercia no partido para a presidência, aproximando muito a administração do governo a uma monarquia, sendo uma das evidências, a nomeação de seu filho para vários cargos ministeriais, que, por não estarem relacionados, não deveriam caber ao mesmo indivíduo (DIOP, 2014). Ao

mesmo tempo, o país foi internacionalmente visto como um exemplo de experiência democrática na África e, também, como um ótimo *aluno* dos institutos financeiros internacionais (FMI, Banco Mundial) pela capacidade de tomar as medidas que focavam no cumprimento da dívida, apresentando a perspectiva que o desenvolvimento econômico precedeu o desenvolvimento social (TEDESCO; MELLO, 2015; DIOP, 2014).

Em 2012, as eleições presidenciais foram bastante disputadas. Curiosamente, no segundo turno, a disputa entre Abdoulaye Wade e Macky Sall foi supervisionada por um conjunto de 300<sup>9</sup> observadores estrangeiros, além de organizações locais como a Igreja Católica do Senegal<sup>10</sup>, fato esse que refletiu o sentimento de insegurança que ambientava o processo eleitoral no país. A vitória de Mack Sall, que governa até os dias atuais, representava uma estabilização política do país, que passou por um violento processo eleitoral, porém, os desafios de seu governo foram imensos, principalmente frente à carência de empregos e aos mecanismos de governabilidade e clientelismo que fomentavam a corrupção. Conflitos sociais e políticos se fazem presentes nos dias atuais no país, principalmente em razão de que o atual governo pretende um terceiro mandato consecutivo e vem dificultando a possibilidade de formação de grupos de oposição, criando tensões políticas e conflitos sociais.<sup>11</sup>

Mas, para entender os processos migratórios, é importante, também, ter presente as transformações ocorridas na agricultura e em outros horizontes correlatos, que demonstram processos amplos, estruturais, que o país enfrentou e continuam a se fazer presentes.

### **Transformações agrárias e a dinâmica da mobilidade no interior do país**

As questões e dinâmicas relacionadas à territorialização hídrica agravaram a agricultura do país (BERTONCIN; FAGGI, 2006; QUATRIDA, 2012), porém, a sua crise foi ampliada pelas políticas de subsídios americanos ao cultivo e ao comércio do óleo do girassol e da canola em vários países da África Ocidental, menos o Senegal (FALL; GAMBERONI, 2019; GAMBERONI; PISTOCCHI, 2013); esses fatores contribuíram para a crise do amendoim no referido país, pois rivalizaram os óleos de cozinha e o grande mercado que havia fora do Senegal. Nesse sentido, a emigração para a Europa e os Estados Unidos foi uma consequência também desse processo, assim como o foi em relação ao algodão que formava a base econômica de vários países africanos e sofreu uma grande crise em razão de políticas de preços subsidiados (*damping*) pelo governo americano ao seu produto no mercado externo fazendo com que a produção africana perdesse grande parte dos espaços (SOME, 2009).

Em 2011 houve a maior seca dos últimos 60 anos, em torno de 30% da população rural passou a ser migrante sazonal, principalmente no período de seca (THIAM; CROWLEY, 2014, P. 30); em 2012, em torno de 43% da população (5 a 6 milhões) residia no meio rural; boa parte dessa população, não encontrando mais trabalho nas grandes cidades, tornou-se um viveiro de emigrantes e, neste contexto, as mulheres se inserem também (Idem, p. 34). Desse modo, processos econômicos, políticos e demográficos se juntam aos ambientais para produzir uma estrutura de causalidade das emigrações e redefinindo trajetórias até então bastante precisas entre os gêneros na família.

A crise do setor agrícola e da cultura do amendoim, ambos aliados às secas e à consequente migração e concentração populacional rural em Dakar;<sup>12</sup> a cidade concentrava, em 2016, mais de 30% da população do país (CEPED, 2017; SAKHO, 2019). Uma das explicações da grande tendência de senegaleses dizerem que preferem atuar na informalidade, vendendo produtos, etc., advém da realidade vivida em Dakar em razão da ausência de trabalho, das estratégias encontradas da população empobrecida em buscar canais mercantis para fazer circular o dinheiro e viabilizar a sobrevivência de famílias.

Desse modo, em termos de causalidades estruturais das emigrações estão as transformações na agricultura e, em particular, na região de grande produção de amendoim, como é o caso do Bassin Arachidier, a intensificação da erosão costeira e salinização dos solos, a baixa atividade da pesca, fruto da destruição da infraestrutura e da alta pesca industrial de grupos industriais, a renda decrescente dos produtos agrícolas, o desaparecimento de cobertura vegetal, que expõe o solo a um processo maior de erosão, bem como os intensos conflitos políticos porque passou o país (THIAM; CROWLEY, 2014; BERTONCIN; FAGGI, 2006). As secas e a baixa rentabilidade da produção agrícola também são alguns dos processos internos que fazem com que muitos pequenos agricultores migrem temporariamente ou toda a família para cidades (NDIONE, 2015; GAMBERONI; PISTOCCHI, 2013), com consequências diretas na economia urbana. A agricultura do país vem sofrendo com as consequências dos processos de monocultura regional (BERTONCIN; FAGGI, 2006; QUATRIDA, 2012), com a falta de recursos de fomento ao desenvolvimento e alternativas produtivas, com o fato de que, em determinadas regiões, as unidades familiares possuem seus chefes com idade avançada, a juventude migra para as grandes cidades ou para outros países. Em torno de 60% dos cereais consumidos no país (arroz, em particular) eram importados em 2017 (MACEDO, 2019).

Imagem 2: Cultura do amendoim na região do Bassin Arachidier, centro-oeste do Senegal



Fonte: <http://pfbc-cbfp.org/actualites/items/IITA-Aflasafe.html>

Imagem 3: Estoque de amendoim no Sul do país, em Casamance



Fonte: foto do acervo pessoal de Emanuela Gamberoni.

Já é de longa data que se tornou visível que a independência política não significou independência econômica (FREUD; RICHARD; THÉNEVIN, 2011). São grandes empresas francesas e de alguns outros países que exploram o setor produtivo e infraestrutural do país. Na agricultura, por exemplo, unidades familiares de produção foram pressionadas a abandonar outras culturas e se dedicar à monocultura do amendoim para industrializar seu óleo. Sob a orientação de agências de fomento da França, aliadas aos bancos internacionais, bem como às agroindústrias, agricultores de algumas regiões do Senegal foram pressionados à especialização produtiva. Na década de 1970, mais de 60% da população estava no meio rural; nos anos 2000, não passou de 26%. A superfície média das unidades familiares no ano 2000 era de 4,68 há (MACEDO, 2019). Com a especialização da monocultura do amendoim e de produtos para o biodiesel, grande parte de suas receitas junto aos agricultores familiares vem servindo para comprar outros cereais (arroz, milho, sorgo). Pesquisas feitas nessa região indicam que, no ano 2000, em torno de 20% das famílias possuíam um membro imigrante (SAKHO, 2019; FALL, 2016; DIOP, 2014).

Em 2018, o país importou três vezes mais do que exportou, com isso, houve um grande déficit comercial, o qual continua sendo compensado, em grande parte, pelas remessas dos imigrantes (Sakho, 2019). A taxa de desemprego em 2016 atingiu a marca dos 50% dos trabalhadores (PEA) e o emprego informal absorvia mais de 70% da força de trabalho (CEPED, 2017). A crise ambiental agravou a pobreza e a segurança alimentar, aumentando o desemprego entre jovens, colaborando ainda mais para destruir o frágil equilíbrio econômico doméstico, a vulnerabilidade das famílias aumentou, e, das mulheres, em particular (RICCIO, 2007). Isso explica o aumento das (e)migrações femininas, as quais já estão muito próximas em termos de paridade com os homens, principalmente de jovens e não casadas, fato esse que vem alterando profundamente horizontes de valores familiares, religiosos e culturais. Ao emigrarem, elas passaram a contribuir de uma forma mais intensa na economia familiar. Estudos indicam que nas maiores cidades, dentre elas, Dakar, a proporção que era de 7 homens para 3 mulheres em 1990, passou de 3 homens para 2 mulheres em 2016 (CEPED, 2017).

Análises enfatizam que há uma “fuga de cérebros”; ou seja, os imigrantes possuem, em grande parte, um nível elevado de estudos; 54,2 % dos imigrantes senegaleses, em 2014, possuíam ensino superior (SHAKO; DIOP; MBOUP; DIADIOU, 2015), com isso, percebe-se, como já mencionamos, que não são somente os mais empobrecidos que migram. Para tentar evitar isso e amenizar a crise econômica e social, além da abertura política, foram colocados em ação programas de estabilização financeira, porém, até então, não têm demonstrado tanta eficácia. Houve, nas últimas décadas, um intenso processo de modernização da agricultura expresso em técnicas advindas de fora (França e Estados Unidos), uso de agroquímicos e de máquinas

agrícolas, a produção de cereais para a industrialização do biodiesel está ganhando espaço, em particular, com empresas francesas (TEDESCO; MELLO, 2015). Porém, ambas as ações em vez de gerar desenvolvimento para o país, criam condições para a continuidade do êxodo rural por serem culturas extensivas e de seleção de produtores, além da própria resistência camponesa em alterar seus processos tradicionais de cultivo e de relações com a terra.

Estudos revelam certa especificidade regional de destinos das últimas décadas em correspondência com a origem dos fluxos, ou seja, os do Vale do rio Senegal dirigiram-se para a França e aos vizinhos do Senegal, os do Bassin Arachidier, em grande crise agrícola, emigraram para o Sul da Europa (Itália, Espanha e Portugal), os da região de Dakar dirigiram-se para o Norte da Europa e para os Estados Unidos (SAKHO; DIOP; AWISSI-SALL, 2011). Para o Brasil, muitos deles vieram da capital, porém, em grande parte, eram migrantes da região do Bassin Arachidier e do Sul, em particular, de Casamance.

### **Ativismo dos imigrantes e a sua dimensão transnacional: novas trajetórias**

A emigração de senegaleses para várias partes do mundo ocidental e mesmo em países de seu entorno revela ser de longa data. Emigrar é algo que acompanha a vida deles, é parte constitutiva da organização social, econômica e cultural. A emigração deles para vários países da Europa, para o tão desejado e expresso por eles, os Estados Unidos e, também para o Brasil está neste contexto de grandes transformações econômicas, agrárias/agrícolas, concentração urbana, problemas ambientais, dentre outros (NDIONE, 2015; SOME, 2009; FALL, 2019). Por isso que é necessário perceber processos estruturais e estratégias dos sujeitos/grupos sociais na questão da mobilidade geográfica.

Não podemos deixar de mencionar que o processo emigratório no Senegal sempre foi mais praticado pelos homens do que pelas mulheres, porém, nos últimos anos, intensificou-se o dessas últimas também. A mudança ambiental agrava a pobreza e a segurança alimentar, aumentando o desemprego entre jovens, colaborando ainda mais para destruir o frágil equilíbrio econômico doméstico e a vulnerabilidade das famílias aumenta, e, das mulheres, em particular. Já é lugar comum nas análises sobre imigração que os sujeitos que emigram melhoram o contexto econômico-social do cenário de origem através dos fluxos de remessas, pela modernização social e tecnológica (consumo e atividades produtivas, acesso à educação dos filhos etc.)<sup>13</sup>; nesse sentido, há um ativismo dos imigrantes na dimensão transnacional e o melhoramento das condições de vida no cenário familiar e comunitário de origem, bem como políticas de incentivo às saídas, tanto do campo político, quanto religioso e familiar.

Em 2013, as remessas dos imigrantes atingiram 17% do PIB do país (em torno de U\$ 2 bilhões) e 19% em 2015 (MACEDO, 2019). Segundo analistas, isso provoca uma grande dependência do país em relação ao dinheiro enviado pelos imigrantes e, o que é mais agravante, não necessariamente promove o desenvolvimento interno, ou seu uso produtivo, em razão de que não é investido em setores que mais necessitam e que sejam germinadores de uma melhor qualidade de vida para a população em geral (NDIONE, 2015). Pesquisadores do país enfatizam que há cidades em que em torno de 80% da população depende desse dinheiro externo (MEZZETTI; CESCHI, 2006).

Em razão disso tudo, a confraria Mouride<sup>14</sup>, que é a maior expressão da religião Islã do país, correlaciona intensamente a esfera religiosa com imigração, ganhou mais importância, pois seus adeptos passaram a dar uma contribuição importante à economia do país pelas remessas; em particular, a cidade de Toubá, centro religioso do grupo, passou a ganhar mais importância ainda pela sua correlação íntima com a referida confraria. Além da esfera religiosa, o âmbito político passou a ser central. Ser candidato Mouride e/ou apoiado pela confraria, passou a ser um bom recurso político para candidatos.

É muito comum ouvir de senegaleses entrevistados que, no início do século XXI, foram lançadas, pela esfera pública de seu país, políticas de incentivo para ir à Europa, porém, havia o problema do visto, do trocadilho *barça ou barsak*, ou seja, Barcelona (o primeiro, referenciando ao time de futebol e, no caso, a Espanha), ou *morror (barsak)* no traslado pelo Mediterrâneo; isso significava a ideia de “tudo ou nada”, ou tentar uma vida melhor fora, ou ficar e viver precariamente. Por isso que, como já mencionamos, nas duas primeiras décadas do século XXI, o Mediterrâneo vem se revelando “um mar de sangue” como enfatizou o Papa Francisco, em razão justamente da quantidade imensa de imigrantes que, ao tentar atravessá-lo, saindo da Líbia ou de outro país do norte da África, rumo ao Sul da Europa (Itália, Malta, Ceuta, Melilla dentre outros), acaba naufragando e ficando, na maior parte das vezes, sem socorro marítimo.

Imagem 4: Milhares de imigrantes carregam seus sonhos nessas embarcações precárias, idealizando chegar à Europa



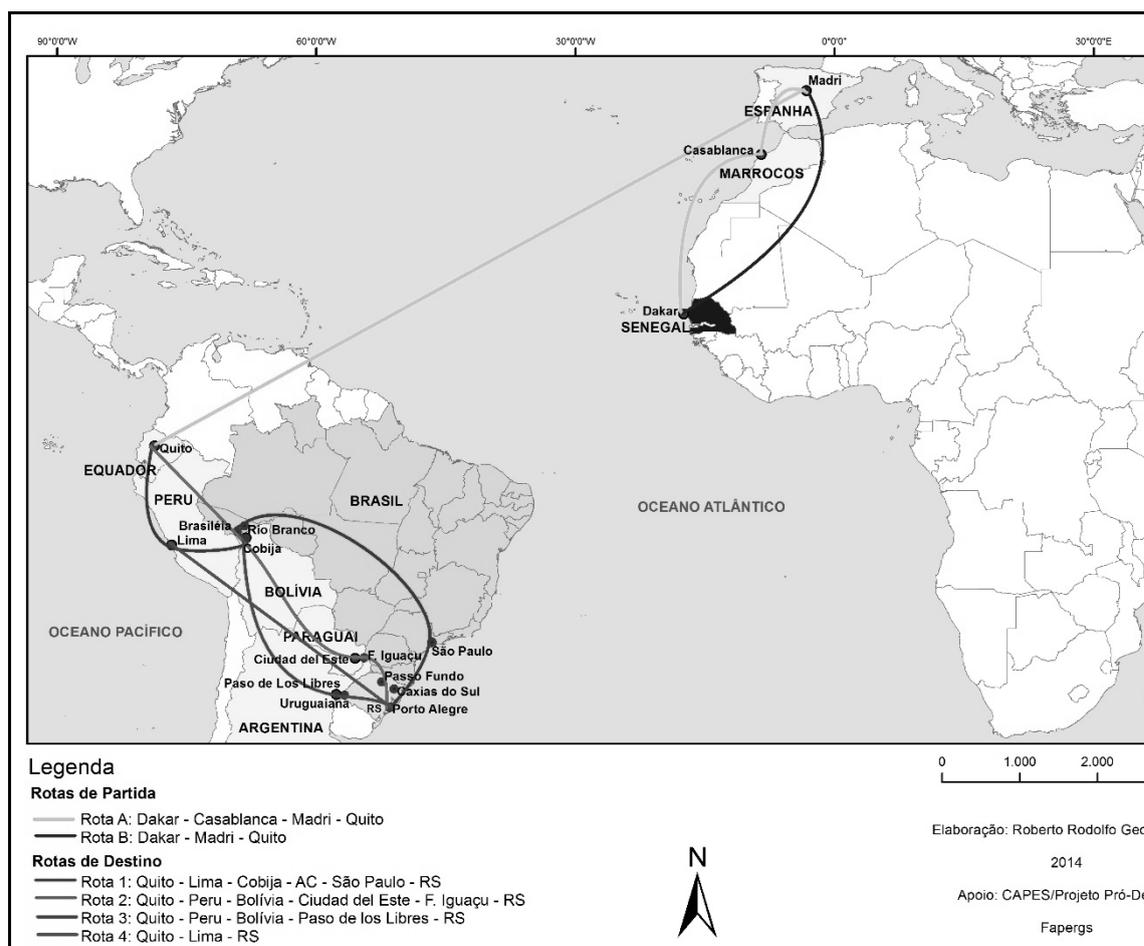
Na maior parte dos casos, esses sonhos se acabam no mar ou nos centros de acolhimento de imigrantes, para posterior repatriamento.

Fonte: <http://brasilcomz.wordpress.com/category/italia/page/2/>

Essa realidade demonstra a situação de precariedade vivida no país de origem pela falta de oportunidades de trabalho, qualificação, remuneração digna etc. (FALL, 2019). Muitos imigrantes, nas últimas duas décadas, vêm imprimindo novas trajetórias; vários saíram de Cabo Verde e da Costa do Marfim e de lá para o Brasil, outros de Buenos Aires, Barcelona e Sevilha na Espanha. No caso do Brasil, não dá para perder de vista o seu crescimento econômico na primeira década do século XXI, a propaganda desenvolvida pelas agências de viagens e pelo próprio governo brasileiro na África, a legislação brasileira em torno da questão de refúgio etc. É necessário situar também as leis anti-imigração de vários países da Europa e dos Estados Unidos, dentre outros aspectos. Desse modo, há um somatório de fatores que contribuíram para que o Brasil fosse visto como possibilidade emigratória num ritmo maior ao que já vinha historicamente se processando para muitos grupos africanos.

As portas de entrada no Brasil foram várias; alguns conseguiram via Argentina/Uruguiana, outros pela Bolívia/Acre, outros ainda conseguiram vistos oficiais e entraram por Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, passando antes por Madri, Lisboa e Paris.

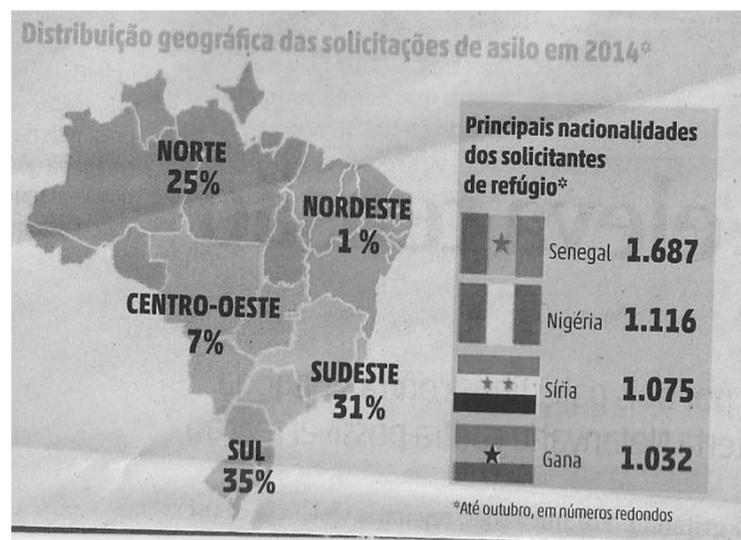
Imagem 5: Rotas das primeiras levas de imigrantes para o Brasil (entre 2010-2015)



Fonte: UEBEL (2019).

No início da segunda década do século XXI, em razão de acordos diplomáticos, crescimento econômico, o aumento da visibilidade internacional do Brasil em decorrência da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e das Olimpíadas Mundiais, o fato do país ser signatário de diversos tratados relacionados a direitos humanos<sup>15</sup>, como um país acolhedor de refugiados, políticas de fechamento aos imigrantes nos países do norte da Linha do Equador (Minvielle, 2015, p 81) e da própria demanda de mão de obra que a região tem expressado (jornal *Zero Hora*, 2014), também contribuíram para a opção em se direcionar ao Brasil. Há outros elementos que envolveram contatos intergovernamentais, acordos entre governos, em especial, ações do governo Lula (em 2003 e 2004) junto a países africanos (acordos comerciais, auxílio financeiros, normativas para a incorporação de imigrantes africanos no Brasil, em particular, os países que tiveram relação com o tráfico de escravos), dentre outros aspectos (TEDESCO; MELLO, 2015). Segundo dados do Acnur (Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas), os pedidos de asilos cresceram quase mil por cento em quatro anos (2010-2014), ou seja, de 566 para 5.882 solicitações<sup>16</sup>, tendo o Senegal na dianteira do processo.

Imagem 6: Mapa da distribuição das solicitações de asilo no Brasil em 2014.



Fonte: *Jornal Zero Hora*, 19 nov., 2014, p. 14. “Pedidos de asilo crescem 939% em quatro anos”. Matéria de Leo Gerchmann.

No Brasil, muitos africanos encontravam-se indocumentados até 2009. Motivados por uma nova postura do governo brasileiro nas relações com os países africanos, declarada pela Lei n. 11.961, de 02 de julho de 2009, os imigrantes africanos passam a regularizar sua situação no Brasil, que concede, a muitos desses, residência provisória. Portanto, quem emigrou antes de 2009 podia ser regularizado com visto de permanente, em razão da anistia e direito de asilo que foram promovidos pelo governo brasileiro a todos os imigrantes irregulares no país que não tiveram nenhuma situação policial/criminal e que estiveram em situação de trabalho. Muitos dos entrevistados possuem uma trajetória de imigrantes para vários países da África e da Europa (TEDESCO; MELLO, 2015).

Imigrantes revelavam saber contornar limites, barreiras, contraposições etc. Um entrevistado disse que já antes de entrar no Brasil teve de enfrentar situações de extorsão, roubo, truculência da polícia de fronteira, atravessando países, vivendo incertezas e constrangimentos, abrigos improvisados, desembolsos financeiros exagerados,

“[...] bastante difícil, muito difícil para nós, sem saber de nada, onde estava, para onde iriam levar a gente, esperar e esperar até vir alguém dizer para onde naquele dia ou no dia seguinte iríamos, muitas vezes sem dormir uma noite toda; com medo sempre, pensava na família que tinha deixado e que não sabiam nem onde eu estava porque celular não pegava e nem deixavam usar; muitos ficavam sem dinheiro antes de chegar em razão das extorsões; as mulheres sofriam mais, algumas eram estupradas em troca do não pagamento de parte que já tinham feito”.

No horizonte das estratégias, imigrantes encontram canais alternativos, porém, difíceis e perigosos. Para muitos que tentam aportar na Europa, as embarcações marítimas precárias são a alternativa, porém, a probabilidade de serem interceptadas pelas guardas costeiras dos países de destino é muito grande, além do alto risco de vida.<sup>17</sup> Para os que buscaram chegar ao Brasil, cruzar fronteiras de países latino-americanos passou a ser lugar comum. A partir de algumas entrevistas, conseguimos abordar questões relacionadas à história do tenso trajeto até chegar ao Brasil:

“No Senegal, eu fui tentar o visto para vir, mas não deu certo, então, segui outros que conseguiram visto com gente que faz isso, como eu falei. [...]. Eu gastei para estar aqui nessa casa no primeiro dia, mais de 13 mil reais, tudo isso, porque depois que tu começa não tem mais volta; ou tu perdes tudo para depois recuperar, ou tu ficas sem nada; eles [intermediadores] vão te tirar o dinheiro de todo o jeito. [...]. Eu levei 19 dias para chegar aqui onde estou agora, nessa casa; isso que vim direto do Acre [Brasiléia] para cá. [...]. Nós éramos em seis, um queria desistir e vimos ele ser assaltado e abandonado no meio de um mato, de noite, no Equador; até hoje ninguém sabe mais dele, devem ter matado ele. [...]; sentimos muito medo e, por isso, resolvemos ir até o fim. [...]. Atravessamos vários países, de ônibus, de carro, a pé, tudo depois de Guayaquil. Ninguém sabia onde estava, apenas te diziam que era assim mesmo e que iríamos entrar no Brasil, pelo Acre e que o caminho final era lá [...]”.<sup>18</sup>

Pagar propinas a militares de fronteiras, ficar retido por dias seguidos até decidir desembolsar dinheiro, sob constante ameaça de retornar e perder tudo o que desembolsou, “pessoas estranhas que se apresentavam para auxiliar no traslado; tinha haitiano e outros africanos também”<sup>19</sup>. Uma entrevista com um interlocutor senegalês revela também esses dilemas que são de múltiplas ordens na vida cotidiana e cultural dos emigrantes:

“Decidi vir ao Brasil depois que um amigo de meu irmão estava aqui, isso foi no dia 12/09/2013; cheguei no Acre no dia 25/09; fiquei mais de um mês no Acre para conseguir documentos. [...]. Eu não tinha informação do Brasil, só do futebol e alguma coisa mais. Tive de comprar a passagem de ida e de volta. Peguei visto de pessoas que fazem documentos para entrar no Brasil. [...]. Se tu vais na Embaixada Brasileira em Dakar eles não te dão o visto; tu podes dizer que vai para o Brasil comprar roupa ou outra coisa, eles querem saber a reserva do hotel, quanto dinheiro tu tens e mais um monte de coisas; então fica difícil; se tu dizes que vais trabalhar, eles não te dão nada. [...]; eu gastei mais ou menos 16 mil reais. Meus pais venderam coisas para que eu pudesse vir. Tu paga a metade quando sai e, a outra metade os pais pagam quando tu avisas que chegou no Brasil; é assim que funciona, são as máfias que fazem tudo isso. [...]. Viajei de Dakar para Madri, de lá para Quito, de lá pra Guayaquil, depois com ônibus, corrida e caminhada até 9 horas sem parar durante noites, no meio dos matos entre uma fronteira e outra que a gente nem sabia aonde estava, até chegar em Porto Maldonado e no final em Brasiléia. Lá [em Brasiléia] se tinha de ficar por muito tempo até conseguir documentos. [...]; eu levei 6 dias para do Acre [Rio Branco] chegar a Passo Fundo. [...]. Eu não estava sozinho, tinha mais de 20 comigo, eles eram do Senegal, do Haiti, da República Dominicana. [...]. Quando lembro de tudo isso, não quero nem acreditar que tenha acontecido tudo isso comigo e com todos os que estão aqui na casa”.

Essas realidades narradas revelam que muitos senegaleses tinham e continuam tendo dificuldades em conseguir o visto legal para viajar ao Brasil, então, são obrigados a inserirem-se nessas redes transnacionais e mafiosas (os ditos “coiotes”) que viabilizam trajetórias alternativas,

as quais se ligam à Dakar, em geral, como é o caso do Equador (havia acordos de imigração entre esse país e o Senegal, por isso as viagens até lá tornam-se mais fáceis), Bolívia e alguns pela Guatemala, Buenos Aires, até chegar ao Acre (UEBEL, 2019).

Pelos dados oficiais pesquisados, vimos que a grande maioria declara ser proveniente do meio urbano no Senegal; poucos têm origem no meio rural, porém reconhecem a situação de crise do setor desde há algumas décadas e a grande migração para cidades grandes e a pressão demográfica frente uma oferta reduzida de trabalho e a consequente emigração para várias regiões da África e da Europa, em particular. Muitos nos informaram que são provenientes do meio urbano, mas sua família, há uma ou duas décadas, migraram do meio rural.

[...], muita gente saiu da terra, muitas famílias, onde se planta muito amendoim e algodão; depois na cidade grande não encontrou mais jeito para viver e decidiu sair do país. Tem gente, a grande maioria, já migrou dentro do Senegal, num lugar ou outro. No meu país isso é normal, quando tem seca, vai buscar dinheiro em outro lugar; Dakar é a mais procurada e é de lá também que sai gente sempre para outros países, para cá também.

Antes de 2015, os senegaleses que não conseguiam visto de turista em Dakar, em geral, ingressaram no Brasil seguindo a rota dos haitianos e, após 2015, passaram a entrar com visto de turista com duração de três meses ou solicitavam pedido de refúgio por razões econômicas ao Conare (órgão do Ministério da Justiça, responsável pela análise do refúgio), pois, segundo a Convenção de Genebra de 1951, o solicitante não pode ser expulso do país enquanto aguarda a avaliação do pedido, o que leva em torno de dois anos para acontecer. Neste período, imigrantes podiam solicitar carteira de trabalho e CPF e, também, trabalhar. Entretanto, a maior parte dos pedidos de refúgio de senegaleses foi até então indeferida porque as razões alegadas não eram consideradas suficientes pelo estatuto de refugiado que não reconhecia o refugiado econômico (MACEDO, 2019, p. 247).

Um dos valores muito enfatizado, que faz parte do grupo e está embasado na esfera religiosa, é a solidariedade; essa foi e continua a ser fundamental para fazer frente aos limites, às necessidade materiais e psicológicas, fazer com que o imigrante se sinta seguro e protegido. Busca-se, pela emigração, promover status social ao grupo familiar e, desse, para o sujeito que a viabiliza. “A migração é, muitas vezes, interpretada, à imagem da circuncisão, como um rito de passagem, um marco importante no curriculum individual. Seria preciso partir para ser homem, ter um status social ou reconhecimento” (FALL, 2016, p. 2). Ainda que se esteja vivendo num cenário de um mundo globalizado, de *fronteiras deslizantes* (BAUMAN, 2017), mas, para muitos imigrantes, essa realidade não se evidencia. Dificilmente senegaleses conseguem vistos para viajar ao Brasil para trabalho. Para turismo, as exigências e os custos são muito altos, fato esse que

inviabiliza a tentativa de emigrar. A emigração é vista como uma estratégia, uma ação racionalizada em termos econômico-sociais, familiares e religiosos; ela orienta práticas, aspirações familiares de mobilidade e status social (SAKHO; DIOP; AWISSI-SALL, 2011; FALL, 2019).

### **Enfim...**

Imigrantes são indivíduos em ligação; sujeitos conectados, que expressam e se esforçam para continuar dinamizando lógicas de afetos; essas se manifestam em múltiplos âmbitos e cimentam relações entre os que partem, os que ficam e os que favorecem ou mediam a decisão de emigrar e as ações entre os dois primeiros (MACEDO, 2019). Há, nesse processo, vínculos e ligações parentais, de vizinhança, de amizade, de identidade étnica e religiosa. Diz Mbodji (2008, p. 312) que “partir é morrer de ausências”. A separação, a sua conseqüente fragmentação familiar, os limites das condições objetivas do viver cotidiano como imigrante, as dúvidas e incertezas que chocavam seu mundo até então constituído são expressivas de ausências. Um senegalês entrevistado<sup>20</sup> disse que deixou “o que eu amava e também o que detestava”; enfatizou que os dois continentes produziram separações e novas junções. Essas, segundo ele, são dinâmicas e dialetizam a sua vida; ele comenta que “meu samba é um pouco dos dois lugares [...], perdi muito de lá e ganhei outras aqui [...]”; ou seja, esforça-se para continuar sendo o indivíduo que era antes de emigrar, mas, sente a necessidade de “abrasileirar-se”, como ele nos disse. O reterritorializar-se afetivo (família, religião, amizades, parentesco) e geográfico revela ser um movimento complexo entre lugares, pessoas e sentimentos (MACEDO 2019; GAMBERONI; PISTOCCHI, 2013).

O Senegal é considerado a 12ª economia do Oeste da África e o número de migrantes, segundo dados de 2018, atingia quase 4 milhões, numa população total de em torno a 16 milhões.<sup>21</sup> As remessas são enviadas principalmente de vinte países, principalmente da França, Mali e Guiné-Bissau; o Brasil é o 18º na lista de remessas enviadas (MACEDO, 2019). Em 2019, as remessas dos imigrantes atingiram 22% do PIB do país (em torno de U\$ 2,3 bilhões); segundo analistas, isso provoca uma grande dependência do país em relação ao dinheiro enviado pelos imigrantes (Idem, 2019).

Entre 2000 e 2010, segundo Fall (2019), os senegaleses originários de um espaço local do país, residentes em Paris, foram responsáveis pela construção em Sadel, no Senegal, de uma escola com seis salas de aula, uma plantação de bananas, um posto de saúde, extensão de canalização de água; uma outra experiência de ação de outro grupo viabilizou a construção de uma escola primária de 22 salas de aula e reforma da mesquita construída em 1979. Esse processo desenvolve uma concepção de que os recursos estão fora, em outro país, e, para tê-los, há

necessidade de migrar. Ou, então, retornar com experiência e com dinheiro, mas melhor mesmo é retornar com os dois (MACEDO, 2019). O sacrifício em fazer poupança em outro país é sinônimo de possibilidade de investir no local de origem. Essa lógica entre parcimônia em um local e investimento no outro é lugar comum em meio aos imigrantes. Esse processo auxilia na vida distante, permite sobreviver a situações adversas.<sup>22</sup> Exclusão em um espaço e a inclusão em outro são dinâmicas que obedecem a fatores de ordem interna e externa. Esse processo pode propiciar fluxos constantes no interior do grupo doméstico. O envio de dinheiro é entendido como legítimo e compensador não só para a unidade familiar do esposo/esposa, mas para a família ampliada que pode ser os avós/sogros e, em alguns casos, até parentes.

É por isso que as migrações se ligam a horizontes amplos e dinâmicos, suas causas são múltiplas, aqui vimos somente algumas de cunho mais estrutural, mas há outras dimensões que não poderão ser negligenciadas. As migrações para os senegaleses, provocam crises, implicam em separações e rupturas de um equilíbrio existente; denotam perdas, ganhos, aberturas e fechamentos, encontros e realizações de múltiplos fatores no campo pessoal, do lugar de destino, de oportunidades que lhes são dadas e conquistadas, das famílias e sua ampliação em afetividades e obrigações (MACEDO, 2019). Eles, na distância, desenvolvem uma “economia do dom” em meio a uma racionalidade que se alimenta pela lógica do dinheiro em seu extremo (AMBROSINI, 2009). Há uma obrigação de auxiliar financeiramente, a qual é previamente definida e acordada no interior do campo religioso e também da família; há uma dimensão moral das migrações.

Os imigrantes senegaleses (talvez, como todos os outros) possuem a capacidade de transitar por vários territórios e, por isso, conectam-se e articulam-se por várias redes em fronteiras também diversas (religiosas, linguísticas, culturais, geográficas e políticas) pelos múltiplos meios de comunicação. Com isso, diversificam seus pertencimentos, suas relações com os espaços, com esferas que são articuladas e que se retroalimentam (KAAG, 2006).

Desse modo, a imigração é também circulação, ou seja, processos que se dão em interligação do aqui e do lá, por redes de relações que são possibilitadas (retornos, trânsitos, relações mais fortes ou não num determinado lugar), por várias estratégias, algumas delas viabilizadas pela mediação de máfias e “coiotes”, outras como o fato de documentar-se num lugar para ir em outro (territórios intermediários), bem como a migração por vários espaços nos lugares de destino, ou, então, passar por vários países para chegar num lugar, tendo de fazer algumas estradas sinuosas e descontínuas.

Portanto, as migrações internacionais são janelas que permitem visualizar múltiplos horizontes da sociedade contemporânea, mas que se reproduzem pela História da humanidade, ou seja, as pessoas se movem, transpõem fronteiras geográficas em territórios definidos como nacionais e,

nessa passagem, novos enfrentamentos surgem e há uma gama de processos que andam juntos, bem como são (re)criados nos espaços de destino. A experiência migratória de senegaleses para o Brasil, acreditamos, esteja também produzindo tudo isso. Mas, isso é assunto para outro texto.

## Referências bibliográficas

- AMBROSINI, M. **Un'altra globalizzazione. La sfida delle migrazioni transnazionali**. Bologna: Il Mulino, 2009.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BERTONCIN, M.; FAGGI P. (a cura di). **Cosa resta nel piatto? Fallimenti e promesse dell'agricoltura irrigua nella valle del Senegal**. Torino: L'Harmattan Italia, 2006.
- BOAHEM, Albert Adu. Política e nacionalismo na África ocidental, 1919-1935. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **História geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO, 2010, v. VII. p. 727-756.
- CEPED (Centre du Études sur la Population et Developpement). **West African from explosion to proliferation**. 2017. Document.
- DIALLO, Mamadou Alpha. FERNANDES, Lito Nunes. O conflito de Casamance: uma questão de segurança regional na Senegâmbia. **World Tensions**. Fortaleza, v. 7, n. 13, jul./dez. 2011. Acesso em: 08/08/2022.
- DIOP, M. C. (Ed.). **La Société sénégalaise entre le local et le global**. Paris: Karthala, 2002.
- DIOP, Sidy. **Queda de um regime ou início de uma nova era?2014**. Disponível em: <http://www.pambazuka.net/pt/category/features/68737>. Acesso em: 07/08/2022.
- DRAMANI-ISSIFOU, Zakari. O Islã como sistema social na África, desde o século VII. In: FASI, Mohammed El. (Org.) **História geral da África: África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010, v. III. p. 113-141.
- EICKELMAN, F. **Muslim Travellers. Pilgrimage, Migration, and the Religious Imagination**. Routledge: London, 1990, p. 29-49.
- FALL, D.; GAMBERONI, E. Les migrations em Afrique de l'ouest: dimension sociohistorique, espace géographique et défis contemporains. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Imigração senegalesa: múltiplas dimensões**. Porto Alegre: EST Edições, 2019, p. 23-44.
- FALL, Papa Demba. **Des Francenabe aux Modou-Modou. L'émigration sénégalaise contemporaine**. Dakar: L'Harmattan – Sénégal, 2016.
- FREUD, C.; RICHARD, J.; THÉNEVIN, P. **L'arachide au Sénégal: um motor en panne**. Paris: Karthala, 2011.
- GAMBERONI, E.; PISTOCCHI, F. **L'Africa occidentale. Ritratto di un'Africa che cambia**. Bologna: Pàtron Editore, 2013.

- HERRERA, Carmen D. Wehbe; QUINTANA, Serafin Corral; ALONSO, Farah Cova. **Senegal 1970 - 1940: evolución y escenarios futuros**, 2010. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2395>. Acesso em: 08/08/2022.
- IDOS, **Fondazione. Dossier statistico immigrazione** – 2020. Roma: Idos Edizione, 2021.
- KAAG, M. Il ruolo della confraternita dei Muiridi nella vita dei migranti senegalesi. In: PALTRINIERI, A. C. (a cura di). **Un futuro in gioco. Tra muridi senegalesi e comunità italiana**. Milano: Franco Angeli, 2006, p. 125-131.
- KI-ZERBO, Joseph. (Org.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, v. I.
- KLEIDERMACHER, G. Aportes para el análisis de la migración senegalesa hacia Argentina y Brasil: nuevas rutas en el marco de la economía global. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Imigração senegalesa: múltiplas dimensões**. Porto Alegre: EST Edições, 2019, p. 107-134.
- LACROIX, T.; SALL, L.; SALZBRUNN, M. Les Marocains et Sénégalais de France, permanences et évolution des relations transnationales. In: **Revue Européenne des Migrations Internationales**, 24(2): 23-43, 2008.
- LAHLOU, M. Filières migratoires subsahariennes vers l'Europe (via le Maghreb).” In: MARFAING, L.; WIPPEL, S. (Eds.). **Les Relations transsahariennes à l'époque contemporaine: un espace en constante mutation**. Paris: St. Éditions, 2004, p. 113-140.
- MACEDO, J. S. **Pessoas e mundos em movimento: migrantes haitianos e senegaleses na região da Grande Florianópolis (SC): UFSC**, 2019. Tese em Antropologia Social.
- MAZRUI, A.; WONDJI, C. (Orgs.). **História geral da África: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010, v. VIII.
- MBODJI, M. Imaginaires et migrations. In: DIOP, M. C. (dir.). **Le Sénégal des migrations: mobilité, identités et sociétés**. Paris: Karthala, 2008, p. 303-318.
- MEZZETTI, P. CESCHI, S. Migranti come forza internazionale per lo sviluppo? Un'analisi con luci e ombre. In: CESCHI, S.; STOCCHIERO, A. (a cura di). **Relazioni transnazionali e co-sviluppo. Associazioni e imprenditori senegalesi tra Italia e luoghi di origine**, Torino, Harmattan Italia, 2006, p. 19-33.
- MINVIELLE, Régis. **Migrantes africanos em Buenos Aires: entre estigmatização y exotización**. Universitas humanísticas. Bogotá, v. 80, n. 80, 2015.
- NDIONE, B. (Ed.). **Les Statistiques des travailleurs migrants en Afrique de l'Ouest: Synthèse sous-regionale**. Projet: Migration de main-d'oeuvre pour l'intégration et le développement en Afrique. Dakar: ILO, 2015.
- PALTRINIERI, A. C. (a cura di). **Un futuro in gioco. Tra Muridi senegalesi e comunità italiana**. Bologna: Il Mulino, 2006.
- QUATRIDA, D. **Grandi progetti di sviluppo e risposte locali. L'irrigazione nella Valle del Senegal**. Milano: Angeli, 2012.

- RICCIO, B. **Toubab e vu cumprà. Transnazionalità e rappresentazioni nelle migrazioni senegalesi in Italia.** Padova: Cleup, 2007.
- SAKHO, P.; DIOP, M. C. Mobilités, État et société. In: ----- (Dir.). **Le Sénégal des migrations.** Mobilités, identités, et sociétés. Paris: Karthala, 2015, p. 13-34.
- SAKHO, P.; DIOP, R. A.; AWISSI-SALL, M. **Migration et genre au Sénégal.** Florence: European University Institute, 2011.
- SAKHO, Papa. A emigração internacional senegalesa”. In: HERÉDIA, V. B. (Org.). **Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil.** Caxias do Sul: Belas Letras, 2019.
- SHAKO, P.; DIOP, R. A.; MBOUP, B.; DIADIOU, D. A emigração internacional senegalesa: das casas no campo às cidades litorâneas. In: HEREDIA, V. B. M. (Org.). **Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil.** Caxias do Sul: Quatrilho Editorial, 2015, p. 23-50.
- SIMON, G. **La planète migratoire dans la mondialisation.** Paris: Armand Colin, 2008.
- SOME, A. N. **Migration au Sénégal. Profil National-2009.** Belgian Developpement Cooperation: OIM, 2009.
- TALLI, S. M. L’Émigration internationale sénégalaise d’hier à demain. In: DIOP, M. C. (Ed.). **La Société sénégalaise entre le local et le global.** Paris, 2002. p. 549-578.
- TEDESCO, J. C. MELLO, P. A. T de. **Senegaleses no Centro-Norte do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.
- THIAM, M. T.; CROWLEY, J. **Impact des changements environnementaux sur les migrations humaine.** Études de cas: Sénégal et Côte d’Ivoire. Unesco: Jerin, 2014.
- UEBEL, R. R. G. Imigração senegalesa e Oeste-africana para o Brasil: novas notas de pesquisa e tendências político-migratórias futuras. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Imigração senegalesa: múltiplas dimensões.** Porto Alegre: EST Edições, 2019, p. 77-106.

Recebido: 22-07-2022

Aprovado: 15-08-2022

Publicado: 14-09-2022

## Notas:

<sup>1</sup> Doutora e professora de Geografia no Departamento “Culture e Civiltà” da Universidade de Verona, Itália. E-mail: [emanuela.gamberoni@univr.it](mailto:emanuela.gamberoni@univr.it) / <https://orcid.org/0000-0001-8859-8876>

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais (Unicamp). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. E-mail: [jctedesco@upf.br](mailto:jctedesco@upf.br) / <https://orcid.org/0000-0002-8935-5697>

<sup>3</sup> A dimensão da diáspora, historicamente, foi identificada com a mobilidade dos povos judeus. No entanto, hoje, relaciona-se, também, com a dimensão transnacional da imigração e, não mais apenas com a noção de dispersão de um grupo étnico em razão de pressão, ameaças, conflitos ou desastres naturais. Desse modo, o conceito foi sendo alterado no tempo e absorveu dinâmicas de grupos sociais que se deslocam fruto de sua decisão, sem constrangimento político, religioso dentre outro. Porém, incorporou uma dimensão de grupos de pertencimento, que reproduzem processos culturais em espaços que não sejam os de origem. Para aprofundar essa questão, sugerimos a leitura de Cohen, R. *Global Diasporas. An Introduction.* Londres: UCL Press, 2007.

<sup>4</sup> Uma análise com detalhes sobre essas etapas históricas de mobilidades populacionais encontra-se em Tedesco; Mello (2015).

<sup>5</sup> O Império Mali, fundado no século XIII, determinado pela expansão do clã Maninka para o Oeste, dominando militarmente a região da Senegâmbia (Boahen, 2010).

<sup>6</sup> A região de Casamance localiza-se entre as fronteiras com a Gâmbia e com a Guiné-Bissau; devido a sua identidade cultural e a relação de centralização exercida historicamente pelo estado senegalês, organizou-se na região um movimento pela independência política, transitando entre as fronteiras dos países.

<sup>7</sup> Uma análise mais detalhada sobre esses processos políticos, ver, DIALLO, Mamadou Alpha. FERNANDES, Lito Nunes. O conflito de Casamance: uma questão de segurança regional na Senegâmbia. *World Tensions*. Fortaleza, v. 7, n. 13, jul./dez. 2011.

Disponível em: <http://www.tensoesmundiais.net/index.php/tm/issue/view/13>.

<sup>8</sup> Ver, DIOP, Sidy. *Queda de um regime ou início de uma nova era?* Disponível em: <http://www.pambazuka.net/pt/category/features/68737>

<sup>9</sup> G1. Presidente do Senegal reconhece derrota em eleições, diz emissora. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/03/presidente-do-senegal-reconhece-derrota-em-eleicoes-e-parabeniza-rival.html>.

<sup>10</sup> ALÉM-MAR, Visão Missionária. *Senegal: Clima eleitoral tenso*. Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EFFpylyVAymubQcAGK>.

<sup>11</sup> Nesse momento em que escrevemos o artigo (agosto de 2022), o país vem passando por intensos conflitos sociais e políticos em razão das eleições legislativas que aconteceram no dia 31 de julho de 2022; fato esse que acena para possíveis tensões sociais até as eleições presidenciais de 2024. Para uma análise das eleições legislativas de julho de 2022, consultar os sites: : <https://www.africarivista.it/senegal-elezioni-legislative-tutti-rivendicano-la-vittoria/205304/>

[https://www.askanews.it/esteri/2022/07/31/senegal-al-voto-per-politiche-test-per-le-presidenziali-del-2024-pn\\_20220731\\_00009/](https://www.askanews.it/esteri/2022/07/31/senegal-al-voto-per-politiche-test-per-le-presidenziali-del-2024-pn_20220731_00009/)

<sup>12</sup> Estas questões estão presentes em praticamente todas as narrativas aprofundadas que fizemos com imigrantes quando perguntávamos como eles explicavam a grande emigração para a Europa e outros países das últimas duas décadas no país.

<sup>13</sup> Ver uma análise detalhada sobre essa correlação entre imigração e desenvolvimento em, MEZZETTI, P. CESCHI, S. *Migranti come forza internazionale per lo sviluppo? Un'analisi con luci e ombre*. In: CESCHI, S.; STOCCHIERO, A. (a cura di). *Relazioni transnazionali e co-sviluppo. Associazioni e imprenditori senegalesi tra Italia e luoghi di origine*, Torino, Harmattan Italia, 2006, p. 19-33.

<sup>14</sup> Uma análise sobre as confrarias religiosas no Senegal e, em particular, a Mouride, ver, SAKHO, P.; DIOP, M. C. *Mobilités, État et société*. In: ----- (Dir.). *Le Sénégal des migrations. Mobilités, identités, et sociétés*. Paris: Karthala, 2015, p. 13-34.

<sup>15</sup> O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos. Compôs a comissão de 1951 sobre o estatuto do refugiado e de seu protocolo de 1967.

<sup>16</sup> *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 19 nov., 2014, p. 14. “Pedidos de asilo crescem 939% em quatro anos”. Matéria de Leo Gerchmann

<sup>17</sup> As mortes nas costas marítimas da Itália e da Espanha (nessa, em Ceuta), tornaram-se constantes nos últimos anos. Em 2016, registraram-se mais de 4 mil mortes de imigrantes somente no Mediterrâneo (Bauman, 2017).

<sup>18</sup> Entrevista direta com senegalês; o interlocutor está no Brasil há dois anos e meio; emigrou com alguns conterrâneos de Casamance, Sul do país; reside em Passo Fundo e trabalha no setor de abate halal de um frigorífico.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Entrevista direta com senegalês. Ele está no Brasil há três anos, emigrou sozinho, deixou a esposa e um filho no Senegal.

<sup>21</sup> Fonte: <https://countryeconomy.com/demography/migration/remittance/senegal>. Acesso em 17/06/2022.

<sup>22</sup> Ver detalhes em, LAHLOU, M. *Filières migratoires subsahariennes vers l'Europe (via le Maghreb)*. In: MARFAING, L.; WIPPEL, S. (Eds.). *Les Relations transsahariennes à l'époque contemporaine: un espace en constante mutation*. Paris: St. Éditions, 2004, p. 113-140.